

Obras Clássicas da Literatura Portuguesa

OBRAS
DE
ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

TOMO I

Edição crítica de
Barbara Spaggiari



Edições Colibri

TOMO I. Texto

SIGLAS E ABREVIATURAS	13
PRÓLOGO AO LEITOR	19
INTRODUÇÃO	21
1. André Falcão de Resende: de fidalgo-poeta a modesto funcionário	23
2. O círculo dos poetas	24
3. Falcão e Camões	26
4. Testemunha de uma época	28
5. Lírica quinhentista: um olhar diferente	29
6. Entre Classicismo e Maneirismo	32
7. Eclectismo quinhentista e maneirismo formal	34
8. O verso e o ritmo	35
9. Bilinguismo, plurilinguismo	38
10. Um 'livro de rimas'	44
11. A <i>Microcosmographia</i> : o desafio do poema alegórico	46
12. História da tradição: uma aventura inacabada	50

OBRAS DE ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

MICROCOSMOGRAPHIA

POEMAS EM LOUVOR DE ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE, COM AS RESPOSTAS DO AUTOR	57
POEMAS RELATIVOS À <i>MICROCOSMOGRAPHIA</i>	63
<i>MICROCOSMOGRAPHIA</i>	73
Canto Primeiro	77
Canto Segundo	119
Canto Terceiro	167

RIMAS

EPITALAMIO	219
GROZAS	235
EGLOGLA	249
SONETOS SEUS	261
SEXTINA	303
ODAS	307
TROVAS DIVERSAS	327
SATYRAS	343
ELEGIA	429
ROMANÇES SEUS	435

TRADUÇÃO DE ALGUÛAS ODAS DE HORÁCIO	485
EPISTOLA DE HORACIO	545
VERSOS LATINOS do Autor	555
CARTA	565
POEMAS AVULSOS PUBLICADOS EM VIDA DO AUTOR	581

Obras Clássicas da Literatura Portuguesa

OBRAS
DE
ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

TOMO II
APARATO FILOLÓGICO E LINGUÍSTICO

Edição crítica de
Barbara Spaggiari



Edições Colibri

TOMO II. Aparato filológico e linguístico

PRIMEIRA PARTE

BIOGRAFIA	13
FICHA BIOGRÁFICA	15
FALÇÃO NAS HISTÓRIAS DA LITERATURA	25
A TRADIÇÃO MANUSCRITA	47
1. LISTAGEM DOS MANUSCRITOS	49
2. O MANUSCRITO APÓGRAFO (BGUC MS.1239)	51
2.1. O estado actual do MS	54
2.2. A tipologia dos erros	55
2.3. O achamento fortuito do MS	57
3. O MANUSCRITO DO SR. FREITAS (BGUC MS.1238)	57
3.1. Quem era o Sr. Freitas?	57
3.2. Como trabalhava o Sr. Freitas	58
3.3. Descrição do Ms.Freitas	60
3.4. O conteúdo do Ms.Freitas	64
3.5. A cópia do Sr. Freitas: valor e limites de um ‘descriptus’	64
4. O MS. 1488 DA BGUC	65
5. OS MANUSCRITOS PERDIDOS	69
5.1. O Ms. do Sr. Seabra	69
5.2. O Ms. de Lisboa	72
5.3. O Ms. de Joaquim José Pedro Lopes	74
5.4. O manuscrito do Lião	75
A TRADIÇÃO IMPRESSA	77
1. Poemas publicados em vida do autor (antes de 1599)	79
2. Publicações póstumas	79
3. Publicações avulsas	79
A EDIÇÃO INACABADA DE COIMBRA	89
1. A história da edição	91
2. <i>Provas</i> : os exemplares conhecidos	93
3. As primeiras e segundas provas corrigidas (<i>Provas soltas</i>)	97
A MICROCOSMOGRAPHIA	107
1. O destinatário da obra	109
2. Descrição dos testemunhos	110
3. O exemplar da Biblioteca Nacional (CAM 30 P)	111
4. Os erros da primeira edição	112

5. A presente edição	115
6. Os aparatos críticos	119
DOCUMENTOS	123

SEGUNDA PARTE

CRITÉRIOS DE EDIÇÃO	143
1. Elementos gráfico-formais	146
2. Elementos gráfico-fonéticos	148
3. Intervenções e adaptações	149
4. O paratexto	151
APARATO CRÍTICO DA <i>MICROCOSMOGRAPHIA</i>	153
APARATO E NOTAS	165
A LÍNGUA	287
1. Formas linguísticas garantidas pelas rimas	289
2. A língua do MS apógrafo	307
3. A língua da 'editio princeps' de 1615 <i>Da Creação e Composição do Homem</i>	358
GLOSSÁRIO DOS POEMAS EM PORTUGUÊS	377
GLOSSÁRIO DOS POEMAS EM CASTELHANO	491
GLOSSÁRIO DOS NOMES MITOLÓGICOS, BÍBLICOS E DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA	495
GÊNEROS POÉTICOS E FORMAS MÉTRICAS	529
TÁBUA MÉTRICA	533
BIBLIOGRAFIA	539
ÍNDICES	567
Índice da edição crítica	569
Índice dos primeiros versos por ordem alfabética	579
Índice do MS 1239 (apógrafo)	585
Índice das peças em língua estrangeira	599
Índice da correspondência poética	601
Índice dos poemas alheios	603
Índice onomástico e toponímico	605

PRÓLOGO AO LEITOR

A obra de André Falcão de Resende apresenta, no seu conjunto, um interesse histórico-literário inegável; mas é, também, muito desigual no que diz respeito ao êxito das diferentes experiências que o autor enfrentou, em âmbitos poéticos tão variados. Com efeito, no que concerne à écloga, às odes e às sátiras, Falcão não desmerece ao lado dos melhores líricos quinhentistas, bem pelo contrário. A avaliação, porém, muda, e até muito, ao encarar, quer os intermináveis romances em castelhano, quer o ambicioso poema didáctico-alegórico sobre a criação do homem. É óbvio que nem sempre o nosso juízo coincide com o dos seus contemporâneos; não admira, portanto, que tais romances encontrassem o favor de um público cativado pelas empresas bélicas dos seus reis e príncipes; e, ainda menos, que o trabalhoso poema sobre o homem-fortaleza pudesse circular impunemente sob o nome de Luís de Camões, como na realidade aconteceu durante mais de dois séculos.

A existência dum só manuscrito, que nos transmite a obra de Falcão, facilita-nos a tarefa, tendo em conta que a cópia parece ser muito próxima do autor. A datação que aqui propomos, por volta de 1599 (sendo o ano de 1615 o termo 'ante quem'), coloca o códice na esteira das publicações de *Rimas* de vários líricos quinhentistas, inauguradas pela 'editio princeps' camoniana. O facto que torna o documento do maior interesse consiste em o anónimo copista não se ter conformado ao padrão gráfico-formal, que os grandes editores (Manoel de Lyra, Pedro Craasbeck, Simão Lopes e outros) iam progressivamente impondo aos volumes por eles impressos, com vista a uma standardização da língua escrita.

Por isso mesmo, qualquer particularidade gráfica é susceptível de nos fornecer indícios preciosos sobre a pronúncia da época, bem como sobre as tentativas de relatinização da língua, acompanhada às vezes de interpretações etimológicas mais ou menos fantasiosas.

No caso da língua portuguesa quinhentista, a distinção, própria da filologia românica, entre variantes formais de tipo meramente gráfico, ou então, variantes formais de tipo fonético, não pode ser aplicada de maneira automática, precisamente por se encontrar a língua literária escrita ainda em fase de fixação. É neste sentido que o testemunho do apógrafo, que contém as obras de Falcão, se nos apresenta como um documento de primordial importância com vista ao aprofundamento dos nossos conhecimentos sobre o estado da língua portuguesa, no período entre os últimos anos do séc. XVI e o começo do séc. XVII.

Em geral, a grafia fonética prevalece, no manuscrito, sobre a grafia etimológica ou, de qualquer forma, alatinada: daí a variabilidade extrema na representação de fonemas, que ainda não obtiveram um estatuto e uma correspondência unívoca

na tradição escrita da época.¹ A evolução da língua, como é habitual, não anda acompanhada por um desenvolvimento, análogo e paralelo, da escrita, cujas oscilações demonstram uma riqueza de opções típica das fases de transição. Longe de ser sintoma de ignorância, ou de corrupção, o pulular dessas variantes gráfico-fonéticas confere ao texto um fascínio particular, pelo menos aos olhos dos filólogos e dos linguistas.

Estas breves reflexões pretendem apenas justificar, se for preciso, a escolha de uma edição crítica de carácter decididamente científico. Isto vale, em primeiro lugar, no que concerne à roupagem gráfico-formal do texto: que é, e deve ser, conforme o original, em todas as suas peculiaridades. Qualquer concessão feita a instâncias de actualização acabaria por dissipar um património linguístico inestimável, num âmbito, tal como o da literatura quinhentista portuguesa, que ainda precisa de muito trabalho de investigação.

Na hora de finalizar o volume, incumbe-me a tarefa de avisar o leitor do facto de neste estarem aplicadas tradições tipográficas diferentes das que vigoram no *printing style* português, com respeito, nomeadamente, à supressão dos espaços depois do ponto, em todas as formas abreviadas. Exemplos: “p.123” em lugar de “p. 123”; “n.º13” em lugar de “n.º 13”; “p.ex.” em lugar de “p. ex.”; “Ms.Freitas” em lugar de “Ms. Freitas”, etc. As remissões para notas de rodapé vêm depois de sinal de pontuação.

¹ Vejam-se as palavras, como sempre iluminantes, de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, nas suas *Lições de Filologia Portuguesa (Curso de 1911/1912 em Coimbra)*: «Nas duas edições primeiras dos *Lusíadas* (1572) temos, por ex., *hemispherio* à latina com *h* e *ph*; mas também sem *h* (*emispherio*, *emisperio*) e mesmo o vulgarismo *emisfério* (por analogia com *esfera*, *espera*); as *nymphas* aparecem em quatro trajés, à grega, à portuguesa, ou fundindo as duas maneiras; *phantasia*, *fantasia*, *fantesia*, de três modos; e *estylo*, *estillo*, e *estilo*. E de mistura com despautérios como *occeano* com dois *cc*, há formas perfeitamente aportuguesadas sem *yy* e *ph*, como *linfa*, *diáfano*, *sulfurio* e *grandiloco*. Hesitavam» (Lisboa, Ed. da *Revista de Portugal*, 1946, pp.34-35).

INTRODUÇÃO

1. André Falcão de Resende: de fidalgo-poeta a modesto funcionário

Para além do aspecto linguístico da obra de Falcão, cumpre-nos ressaltar o valor paradigmático que detém a sua personagem histórica: sendo descendente de uma família nobre e ilustre, a dos Resende,¹ André Falcão herda dela apenas o amor pelas letras, e pouco mais. As reduzidas riquezas da família de origem não bastam, de facto, para lhe garantir uma vida tranquila, dedicada aos ócios literários, conforme aos seus desejos. Bem pelo contrário, o jovem Falcão terá sempre que lutar contra as dificuldades económicas e a falta de recursos; nem o casamento com a esposa tão querida, D.Leonor, servirá de alívio à situação precária do casal.

Já não é a época em que os grandes humanistas, como o afamado L. André de Resende, gozavam de um prestígio tal, que não precisavam de ir buscar prebendas. Os tempos tinham mudado para pior, tanto que a figura do letrado humanista, de facto, desaparecera.² A nova geração dos homens de letras, não apenas em Portugal, mas na Europa toda, tenta penosamente sobreviver à margem das cortes, aquelas mesmas em que os seus predecessores tiveram direito não só à mesa posta, mas até a um opulento banquete.

O destino de André Falcão de Resende não se diferencia, neste aspecto, do de Ludovico Ariosto ou de Bernardo Tasso, que foram, aliás, privilegiados entre os seus modelos literários: os três conhecem, com efeito, as angústias duma existência balançaada entre as aspirações literárias e as misérias da vida quotidiana.

Nascido em 1527, na cidade de Évora, Falcão cresce vivendo à margem da corte real. Nos anos da mocidade, as suas aspirações não terão sido diferentes das de qualquer fidalgo pobre da época, que só podia escolher entre as armas, a igreja e as letras (v. n.º137, vv.22-23). Eliminadas as primeiras, por falta de índole guerreira, restava a carreira eclesiástica, à sombra dos jesuítas e do poderoso Cardeal-Infante. Não admira, portanto, ter encontrado nos documentos da época traços de uma

¹ V. o parágrafo sobre a «Biografia» de Falcão.

² A carreira ideal do cortesão, numa primeira fase, implica a residência na corte desde a mocidade; depois, a preferência pelo serviço nos cargos de guerra e finalmente os altos cargos de palácio, considerados distintos daqueles que convêm a eclesiásticos e letrados. L. André de Resende, na epístola que escreve a Damião de Góis em 1535, opõe, no interior da corte, os poetas aos juristas: «Depois que os tiranos das leis e do direito devoradores de dinheiro, começaram a reinar sobre o reino e a realza, a poesia pereceu, e esses rapaces dos processos esmagaram sob o seu jugo o brilho da eloquência e da sabedoria» (cf. Odette Sauvage, *L'itinéraire érasmien d'André de Resende (1500-1573)*, Paris, 1971, p.148).

breve permanência de Falcão ao serviço de D.Henrique, na qualidade de capelão-fidalgo. Só que, poucos anos depois, Falcão surge casado e com um filho já a seu cargo: evidentemente, a sua vocação religiosa não resistiu à natural propensão pelos afectos familiares e à sossegada tranquilidade do amor conjugal. É neste aspecto que Falcão também se aproxima de Bernardo Tasso, cuja paixão pela esposa Porzia de' Rossi percorre incansável os seus versos, até ao falecimento do ser tão amado.

De certeza, o afecto profundo que ligou Falcão a D.Leonor de Almada, sua mulher, não enfraqueceu perante as dificuldades económicas, que desde logo os recém-casados tiveram de enfrentar. Dos próprios poemas de Falcão ressalta uma comunhão de sentimentos e de gostos, até literários, capaz de superar qualquer obstáculo de ordem económica³.

A «importuna inópia», como ele próprio a define na Sát.I, «dos estudos contrária e inimiga» (v. n.º137, v.240), obriga Falcão a procurar-se uma licenciatura, através de um currículo de estudos universitários muito trabalhoso, com uma longa interrupção devido à falta de recursos. Finalmente, licenciado em Cânones na Universidade de Coimbra, pôde exercer funções públicas, por muito que não obtivesse nisso a menor satisfação: «que eu, por não mendicar e lançar pedras / à gente, rendido à fortuna e fado, / lides julgo e componho em Torres Vedras» (v. n.º140, vv.184-189).

Cansado, cheio de desgosto e magoado pela perda da mulher tão amada, Falcão finalmente retira-se para viver na aldeia, deixando atrás de si a vida cortesã de antanho, e aqueles contactos com a corte (antes portuguesa, depois filipina), que de nada lhe valeram: «Neste estado tam pobre, e vida fico, / e nesta villa, e mal aposentado» (n.º143, vv.199-202).

Sob o signo de Horácio, esperava ele concluir a sua vida longe do ruído da capital e das manigâncias cortesãs: era sem contar com o destino, que ainda lhe reservava expedições de guerra em terras longínquas.

2. O círculo dos poetas

Conforme os hábitos da época, a grande maioria das composições em verso de Falcão, sejam estas sonetos ou trovas, ou então o imponente poema didáctico-alegórico, tem uma dedicatória, ou, pelo menos, uma rubrica em que se declara o seu conteúdo. Desta forma, podemos facilmente reconstruir, através da ampla rede de relações e de reconhecimentos, o círculo apertado de pessoas, a que as obras de

³ Veja-se, em particular, n.º144, vv.64-78: «Quam bom estado he o do casado / conforme às leis do matrimonio santo, / do nosso antigo paé primeiro herdado. / Oh, venha eu, Norelia, a valer tanto / que a vida em companhia e amor passemos, / celebrando teu nome em verso e em canto! / Dos que rirem de nós, emtão riremos; / e do torpe falar tam sem proveito / dobrado sobre todos falaremos. / Vinde, acompanhai já o conjugal leito, / que o Senhor, compadre e doce amigo, / vos deve com reção ter sastifeito. / E não vos ameça o mundo imigo; / prometevos mil bens, que pode dallos / sem trabalho, sem culpa, sem perigo».

Falcão eram destinadas: quer dizer, o público que conseguiu ler e, com toda a probabilidade, apreciar a obra de Falcão, cuja publicação nunca foi por ele realizada.

Entre os destinatários ressaltam em primeiro lugar, como é óbvio, os potentados da época, para os quais a homenagem era, de certo modo, obrigatória, tais como os reis portugueses D.João II e D.João III, mas também D.Filipe II, e boa parte da família ou dos seus partidários, a começar pela Infanta Isabel Clara Eugenia, para chegar até D.João d'Austria, incluindo, de passagem, o príncipe e cardeal Alberto, e o plenipotenciário D.Christóvão de Moura. Muito significativa aparece, sob este aspecto, a ausência, entre os destinatários, do Cardeal-Infante D.Henrique, ao serviço do qual Falcão exercera o cargo de capelão-fidalgo; o silêncio sobre D.Sebastião e a sua malfadada empresa militar na África; e até a falta de uma qualquer referência à Infanta D.Maria, tia de D.Sebastião, à custa da qual Falcão teve o ofício de juiz de fora em Torres Vedras.

A hierarquia eclesiástica é, pelo contrário, bem representada, a começar pelo papa Pio V, os seus embaixadores Michele Bonelli e Alessandro Riario, até aos representantes da Inquisição, como o censor de *Os Lusíadas*, Bertolomeu Ferreira; ou do episcopado português, como o bispo de Miranda.

Ao lado dos potentados, a que só se podiam prestar lisonjas (na espera, regularmente frustrada, de obter deles alguma retribuição), muitos são os poetas com quem Falcão cultivou uma relação, quer de sincera amizade, quer de correspondência e intercâmbio poético, mesmo se de menor a maior. Primeiro, Luís de Camões, a quem Falcão dedicou uma sátira e com quem mostra ter intimidade; logo a seguir, Sá de Miranda, Diogo Bernardes, Jerónimo Corte-Real, e, finalmente, os familiares e os amigos mais íntimos, todos pertencentes a algumas das famílias proeminentes da aristocracia portuguesa, e todos letrados, na medida em que trocam versos de boa factura com o próprio Falcão.

São, de facto, vinte e seis os poemas alheios transmitidos no MS de Coimbra, que assim se caracteriza, a par de outros livros de mão da época, como um precioso meio de transmissão indirecta da lírica quinhentista. À parte quatro textos que são objecto de glosa,⁴ e três que são atribuídos a amigos anónimos do poeta,⁵ os que restam pertencem a André da Fonseca, António d'Abreu, Diogo d'Abreu, Heitor da Silveira, Luís Álvarez Pereira, Pero d'Andrade Caminha, D. Martinho Soarez e Vascus Fratensis.⁶

Neste aspecto, também, Falcão não difere dos outros poetas contemporâneos, que dirigiam aos amigos os seus próprios versos sobre assuntos variados, recebendo deles respostas, talvez pelos mesmos consoantes; ou então, empreendiam

⁴ Trata-se de duas cantigas (n.ºs 21,23) e de dois sonetos (n.ºs 25,27); v. infra.

⁵ Cf. os n.ºs 1, 7 e 106.

⁶ O nome latino corresponde, talvez, a um certo Vascus Fernandez Frade, que aparece várias vezes citado na *Bibliotheca Hispana* de Nicolás Antonio, t.II, p.260 «VASCUS FERNANDEZ FRADE, Lusitanus, scripsit patrio idiomate – Dialogos de vita solitaria»; p.390 «Index cognominum: Frade, Vascus Fernandez» e p.458, col.b «Ex incertis Lusitaniae locis. Id.».

traduções de autores clássicos, por gosto próprio, ou a pedido alheio, para depois as submeter à sua aprovação.⁷

Não admira, portanto, que os produtos poéticos da época, nomeadamente as rimas, circulassem até final do séc.XVI de forma manuscrita e, necessariamente, nas mãos de um número exíguo de letrados, todos ligados à corte, pois a produção do texto, e a sua recepção, eram fruto da actividade das mesmas pessoas.⁸

3. Falcão e Camões

Como é sabido, Falcão é um dos raríssimos contemporâneos que prontamente reconheceu a grandeza de Camões, a ponto de lhe dedicar uma das sátiras (n.º138) e grande parte da sua única écloga (n.º29). É muito provável que a via do conhecimento pessoal entre Camões e Falcão passasse por Heitor da Silveira, também ele poeta, amigo e companheiro de Camões na Índia, e, o que mais nos importa, cunhado do próprio Falcão, pois casara com D.Isabel de Almada, irmã de D.Leonor, esposa de André Falcão de Resende. O parentesco resulta, aliás, evidente nos versos de Falcão, que dedica ao cunhado as sátiras V, VIII e IX.⁹

Uma alusão ao «Lusitano Liso», em que facilmente se reconhece o anagrama de «Lois», a saber Luís, conforme o hábito, frequente nomeadamente nas éclogas, de utilizar como apelido o anagrama do nome, está presente na única écloga composta por Falcão, verosimilmente tardia, como demonstra o elogio da vida na aldeia (n.º29, vv. 260-283), junto à citação de *Os Lusíadas* («cantou os Portugueses, e altos feitos / dos seus compatriotas esforçados, / por terra e mar, caminhos nunca feitos: / novos climas, e mares navegados, / ilhas, rios, e costas, promontorios, / novos reinos por elles conquistados»).

O elogio indirecto ao vate de *Os Lusíadas* converte-se num colóquio íntimo e partícipe na sát. II, explicitamente dedicada a Luís de Camões, em termos tais, que evidenciam a amizade, bem como a consciência da má sorte que é comum aos dois (n.º138, vv.7-24 e 286-307). Já não é a época em que ao poeta se reconheciam méritos e glória; bem pelo contrário, quem escreve versos é por si desprezível:

⁷ Cf. Michaëlis, *Grundriss*, pp. 304-305: «Dazu kommen dann viele Dutzende solcher, die in der schönen Zeit der jungen Liebe, oder unter dem Beispiele ihnen befreundeter Poeten, sich auch im Dichten versuchten, zum grossen Teil höfische Dilettanten, Nachkommen der im *Cancioneiro geral* vertretenen Granden, die ihre wenig zahlreichen und fast immer wenig bedeutenden Gedichte aber überhaupt nicht sammelten. Man findet Proben ihrer Thätigkeit, Lobsonette, Antwortsepisteln, Gelegenheitsverse, oder auch nur Anspielungen auf dieselben, einzig in den Werken ihrer berühmteren Freunde. Und im günstigsten Falle können wir Ergänzungen dazu aus handschriftlichen Gedichtalbums zusammenlesen. Ich nenne, beispielshalber, die Namen der besseren: D.Francisco de Sá e Menezes, den erlauchten Statthalter Portugals (1580), von dem 66 Sonette in Evora ruhen; seinen Bruder D.António, die Gebrüder D.Simão, Heitor und Vasco da Silveira, António de Castilho, D.Francisco de Moura, D.Luis und D.Jorge de Menezes, André da Fonseca, Pero de Lemos, Ruy Gomes da Grã, Gomes Freire d'Andrade».

⁸ Em outros termos, o lugar de 'produção' e de 'recepção' da obra coincidem, sendo a cultura apanágio exclusivo dos nobres e dos clérigos.

⁹ Cf., respectivamente, n.º141, 144, e 146, com as relativas respostas de Heitor da Silveira, n.ºs 145 e 147.